

Justiceiros: agentes e vítimas da violência?

Silvia Maria Carbone *

Resumo

Esse artigo é resultado do trabalho de Dissertação apresentado em 2000 com o título "*Justiceiros: fé cega, faca amolada*" na PUC-SP, pelo departamento de Antropologia. A idéia original é manter a discussão proposta no processo de elaboração da dissertação em que os debates transcorriam acerca do fenômeno justiceiro. A ação dos justiceiros é caracterizada como tipicamente urbana e marca os anos 1980 na cidade de São Paulo. Para o artigo – *Justiceiros: agentes e vítimas da violência?* –, proponho o resgate da entrevista com o justiceiro Rivinha, e a discussão ao entorno das questões suscitadas nessa entrevista: a violência, o trabalho e o justiceiro.

Abstract

This article is the result of the work of dissertation submitted in 2000 with the title "*Justiceiros: blind faith, amolada knife*" in the PUC-SP, by the department of Anthropology. The original idea is to keep the discussion proposal in the drafting of the dissertation where go by debates about the phenomenon *justiceiro*. The action is just the typically characterized as urban and marks the 1980 in the city of Sao Paulo. For the article – *Justiceiros: agents and victims of violence?* –, I propose the rescue of an interview with Rivinha, and the surrounding discussion of the issues raised in this interview: violence, work and *justiceiro*.

Introdução

Em pleno século XXI, a discussão sobre criminalidade ganha novos rumos. A formação do PCC (Primeiro Comando da Capital), gera a imposição de debates na academia que ainda não haviam ganhado proporções significativas. As sociedades modernas ganham a cada década contornos de mais complexidade e a criminalidade acompanha esse processo. Cotidianamente vimos casos de crimes que indignam e comovem a opinião popular como se fizessemos parte desse cotidiano. Essa Dissertação, apresentada em junho de 2000, é o resultado das orientações da Profa. Dra. Márcia Regina da Costa, aqui é nítido, para quem a conheceu, sua participação nas definições e referenciais

* Mestre em Antropologia pela PUC-SP, doutoranda do programa de Ciências Sociais da PUC-SP. Professora Universitária.

utilizados, o que me orgulho muito. Ter a Márcia como orientadora foi um grande e feliz aprendizado que me ainda serve de inspiração.

Esse artigo analisa a questão do Banditismo, sobretudo suas características e formação, resultado do quarto capítulo da Dissertação: “*Justiceiros: fé cega, faca amolada*”¹, tendo como foco principal os Justiceiros na cidade de São Paulo nos anos 80. Uma das bases e referências mais importantes dessa análise é a entrevista feita em 1999 com Rivinha, Rivadávia Serafim da Silva, justiceiro, preso no Centro de Observações Criminológicas (COC) de São Paulo. Parte dessa entrevista esta contemplada nesse artigo.

Os justiceiros são um fenômeno tipicamente urbano que ganhou proporções de destaque na cidade de São Paulo nos anos 80, período de abertura política e de muita repressão policial versus a pouca participação do Estado nas questões de segurança. A criminalidade não é um fenômeno recente, durante todo o desenvolvimento da humanidade sempre houve crimes. Casos de assassinatos e homicídios praticados em situações diversas, que de acordo com a época, adquiriam significados distintos, caracterizando um determinado período da história.

Essa “prática comum” de crime vai no decorrer da história mostrando personagens que se destacam pela bravura, liderança e conquistas. E. Hobsbawn destaca que os mais conhecidos bandidos, como Salvatore Giuliano, Pancho Villa, Lampião, entre muitos outros eram, sobretudo vingadores e heróis. “A moderação ao matar e agir com violência faz parte da imagem do bandido social. Não há razão para esperarmos que, como grupo, hajam de conformidade com os padrões morais que aceitam e que seu público deles espera, mais do que se espera do cidadão comum. [...] São heróis não a despeito do medo e horror que inspiram suas ações, mas, de certa forma, por causa delas” (HOBSBAWN, 1976:54). Lampião é para nossa história, um dos bandidos mais conhecido e respeitado. Virgulino Ferreira da Silva –

¹ Dissertação apresentada em 06/6/2000 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Márcia Regina da Costa.

Lampião, aos 17 anos iniciou sua batalha, primeiramente para salvar a honra da família, e sua macheza. Após a luta de sangue, tornou-se bandido/cangaceiro e herói.

Lampião, hoje é uma lenda. Mas afora suas batalhas e lutas vencidas com muitas mortes, sua história faz parte hoje do imaginário de herói/bandido que se construiu no país.

Essa idéia de bandido, que nos remete a uma fantasia de herói e salvador estilo *Hobin Hood*, suprime a realidade criminosa de seus atores, que embora bandidos, tornam-se heróis com glórias após suas mortes, e com o passar dos anos suas histórias viram lendas a serem contadas por gerações para que nunca sejam esquecidas.

O bandido nobre não é um criminoso qualquer, muitas vezes não é sequer considerado um criminoso, faz-se bandido por circunstâncias vividas e por atos de valentia. Hobsbawn coloca que para ser nobre, o bandido deve ter algumas características em comum. Essas características fazem parte da imagem do bandido social, são elas: a) Ter se tornado marginal através de uma injustiça, e não pela via do crime, b) Só mata em legítima defesa ou por “vingança justa”, c) Na realidade, nunca deixa a comunidade, d) É admirado, ajudado e mantido pelo seu povo, e) Não é inimigo do rei ou imperador, fontes da Justiça, mas apenas da nobreza local, do clero e de outros opressores (HOBSBAWN 1976: 38).

Para o autor, o bandido social está associado ao estilo Robin Hood, que tira dos ricos para dar aos pobres, o que é primordial para a constituição do bom bandido. A imagem do bom bandido é que faz a diferença para o criminoso, afinal o mau bandido ou bandido comum não tem o apoio da comunidade, nem tampouco ideais honrosos.

Essa definição de bandido nobre estilo Robin Hood, é talvez um tanto nostálgico para os dias de hoje. Os bandidos que se construíram no desenvolvimento das sociedades industriais necessitam de uma análise mais aprofundada.

Roubar dos ricos para dar aos pobres, não é mais uma ação comum entre os bandidos, que se misturam com a figura de criminosos

comuns, sem um ideal. O que nos vale dessa comparação é a justificativa da ação de violência para uma atitude heróica (bandido nobre) ou criminosa.

Talvez haja um pouco do resquício de heroísmo em alguns bandidos, como os justiceiros, que mesmo não tirando dos ricos para dar aos pobres, constroem sua história no crime. Eles têm o mesmo ideal nobre de dar proteção às regiões onde o Estado e a polícia não atuam com eficiência. Hobsbawn afirma que, “É muito natural que os verdadeiros bandidos demonstrem muitas vezes aquele ‘espírito selvagem de justiça’” (HOBSBAWN, 1976: 39). Esse “espírito” de justiça está na necessidade de reparar as injustiças sofridas pelo bandido e pela comunidade.

O “espírito” de justiça encontrado nos bandidos nobre que Hobsbawn descreve como heróis, desfaz-se e se confunde nas relações cotidianas das sociedades modernas.

Esses (prováveis futuros) heróis, que hoje são criminosos anônimos, mostram suas vidas e contam histórias de crimes, se diferenciando uns dos outros, segundo o ideal ou motivos que os levaram a se tornar criminosos.

Assim, apesar de tratarmos de crimes de homicídio, ação dos justiceiros, existe uma diferença entre seus agentes que é comumente confundida e/ou misturada. Matadores, assassinos de aluguel, pistoleiros e justiceiros, tem por excelência, uma ética (se é que se pode afirmar isso), que os fazem serem diferente entre eles, apesar de pertencerem ao mesmo grupo de criminosos: os que matam. Na realidade todas as pessoas envolvidas nesses crimes, são matadores, como o próprio nome diz. O que faz a distinção é a intenção com que se mata e a relação que o criminoso ou bandido tem com a comunidade.

Matar se torna ato de heroísmo, quando a vítima é considerada marginal ou indesejável. Esses marginais são por vezes também criminosos, mais que cometeram crimes sem justificativa aparente ou palpável. A moralidade que se impõe no crime, como não se matar pai

de família, mulheres ou crianças, é que faz a distinção entre bandidos heróis ou criminosos comuns.

Matadores, assassinos de aluguel e pistoleiros, são criminosos que atuam isoladamente. Existem grupos de matadores, porém o correto seria dizer que existem matadores, que às vezes atuam em grupos.

Não é incomum que alguns matadores/pistoleiros/assassinos de aluguel, entrem para a criminalidade após serem vítimas de algum tipo de injustiça. Essa injustiça, via de regra é o assassinato ou estupro de algum parente próximo, o que fatalmente exige vingança. Após a vingança, entram para o crime, se tornam profissionais, cobrando pelos serviços encomendados.

No estudo sobre a pistolagem no Brasil, César Barreira (1998), coloca que existem dificuldades nas definições entre os pistoleiros. Muitos não se assumem como pistoleiros e atribuem os homicídios praticados como um ato de vingança, que em geral se iniciou para salvar a honra da família.

Existe um debate (nas universidades) acerca das diferenças entre matadores, assassinos de aluguel e pistoleiros. A priori, matadores ou assassinos de aluguel se diferenciam dos pistoleiros apenas pela habilidade dos pistoleiros em atirar. A denominação para pistolagem é mais comumente encontrada no nordeste brasileiro, sobretudo nas regiões agrárias. Barreira define que: “O pistoleiro é a materialização de um ato, com vários personagens encobertos, autores intelectuais e toda uma rede de proteção, pertencente à classe dominante (grandes proprietários de terra e políticos) e a setores da polícia e mesmo do poder judicial. A cada prisão e a cada depoimento, novos atores entram em cena” (BARREIRA, 1998: 46).

O autor ainda coloca que a pistolagem é uma característica predominante das regiões agrárias do norte e nordeste do Brasil. Porém têm aparecido, com uma frequência cada vez maior nas regiões metropolitanas. “A cidade de São Paulo tem uma média de 20

assassinatos por dia, sendo mais de 50% através da pistolagem” (BARREIRA, 1998: 54).

Pistoleiros e matadores são personagens de uma mesma realidade: os crimes de encomenda. A diferença de denominação vem das características regionais de onde atuam. Os crimes de encomenda envolvem muitas vezes pessoas públicas, sobretudo políticos, além de também serem usados em crimes passionais e como resolução de diversos problemas. Há nesses crimes um intermediário ou agenciador, que faz a ligação entre o mandante e o matador. Sem que, em muitos casos seja revelado o nome do mandante. Esse agenciador é responsável pelo planejamento do homicídio, oferecendo até apoio jurídico se for necessário (BARREIRA, 1998: 55).

Pistoleiros, matadores ou assassinos de aluguel, não escolhem suas vítimas, são pagos para matar e executam o serviço a mando de terceiros. Diferente dos justiceiros, que não fazem do crime uma fonte estável de rendimentos e que matam com intuito de “limpar” a sociedade de marginais, não aceitam encomendas de crimes e têm critérios que os impede, a priori, de matar mulher, criança e pai de família trabalhador.

Os crimes de pistolagem fazem parte de uma rede onde no mínimo há um mandante e um intermediário para a execução do crime. É essa rede que faz a distinção entre os crimes, na pistolagem “tem que haver o pistoleiro, que é quem executa o homicídio chamado de “serviço” e o mandante da ação, que é quem paga pelo “serviço realizado” (BARREIRA, 1998: 46).

Em relação ao dinheiro e a remuneração, há também uma diferença entre matadores e justiceiros, que está em como eles recebem pelo trabalho que fazem. Os matadores aceitam encomenda de crimes, são pagos para matar. Na maioria das vezes não conhecem a vítima. Os matadores são profissionais que recebem por um serviço que lhes foi confiado.

Os justiceiros recebem ajuda da comunidade para sobreviver, sendo muitas vezes sustentados pelos comerciantes da região. O que

pode gerar uma relação de reciprocidade e ambigüidade entre eles e a comunidade (comerciantes e moradores). É importante ressaltar que os justiceiros mantêm trabalho próprio e remunerado, que na maioria dos casos está ligado ao comércio. Todavia, eles não aceitam encomendas de crimes, como fazem os matadores. Os justiceiros assumem o papel de protetores do seu bairro. Na maioria das vezes conhecem a vítima, que pode ser um desafeto ou então uma pessoa definida por ele como marginal, que estaria “atrapalhando/ perturbando/ barbarizando”. Possuem uma relação ou um vínculo com o bairro ou comunidade, atuando normalmente sempre no mesmo local. Enquanto que os matadores são desterritorializados, atuam em qualquer região do país, muitas vezes não possuem endereço fixo e não retornam para a sua comunidade. Pelo seu papel de protetor são vistos pela comunidade como um “mal necessário” que fazem o que a polícia não faz, isto é protegem o grupo.

O surgimento dos justiceiros em São Paulo ocorre com maior intensidade durante a década de 80.

O jornalista Caco Barcellos coloca que os justiceiros são um fenômeno “que [eles] se acham acima de qualquer lei, é o resultado da lentidão e ineficiência da justiça” (revista TRIP nº 49, ano 9)

Os próprios justiceiros definem o que é ser justiceiro e qual sua representatividade na comunidade.

O justiceiro seria aquele pai de família..., é um pai de família assim como eu que trabalhou, que chega na casa dele, barbarizaram a casa dele estupraram. Então ele se revolta daquele dia pra frente, ele procura a polícia a polícia não dá boi, então ele vira justiceiro...e matador de aluguel, é aquele eu vi muito no norte, no nordeste, conta essas histórias do fazendeiro que chega se tem alguma discórdia, o cara te dá cem milhão pro cê tirar a vida de uma pessoa, aí vem ele vai lá e mata, então ele vive disso aí. ele mata quando dá o dinheiro sem ter raiva, nada.. Pistoleiro é a mesma coisa, é os cara que atira bem, que atira pá e não erra o tiro, então o que acontece e o matador é isso aí, mata pra ganhar dinheiro, cê vê ele não sai matando ladrão nem pai de família, tanto faz matá pai de família, como a senhora mãe de família, pra ele tanto faz, se dé dinheiro ele vai lá e mata, eu graças a Deus nunca fiz isso na minha vida, minha vida foi brigá com traficante, inclusive se eu quisesse eu matava, só que muita gente eu entreguei pra polícia... (Rivinha).

Rivadavia Serafim da Silva, Rivinha como ficou conhecido, nasceu no Nordeste, veio para São Paulo com 25 anos de idade em busca de uma vida melhor. Hoje² com 43 anos, vive preso no COC, Centro de Observações Criminológicas (complexo Carandiru), cumprindo pena de 150 anos de reclusão, acusado por duplos e triplos homicídios qualificados. Crimes que não assume como de sua autoria. Atuou na região norte da cidade de São Paulo no início dos anos 80 – entre 1982 e 1984.

Quando chegou em São Paulo, no início dos anos 80, Rivinha foi morar com sua primeira esposa, na Favela Marconi e Funerária, localizada na Vila Maria, região Norte de São Paulo.

A favela Marconi, “não difere de qualquer outra favela: formada, principalmente, por pessoas provenientes do nordeste do país e do sul de Minas Gerais que, expulsas do campo por uma questão de sobrevivência, procuram a cidade de São Paulo” (CORREIA DE PAULO, 1990:19). A autora coloca ainda que falar da favela Marconi significa falar em violência, o próprio Rivinha coloca, na favela Marconi quem mandava eram os criminosos, que, por suas palavras, barbarizavam a população.

A ação dos justiceiros é uma característica urbana, dos bairros onde a proteção policial é ineficiente. A criminalidade nesses bairros é bastante intensa. Em alguns deles, a população tem que pagar “pedágio”, para os traficantes ou criminosos, para que possam ter acesso às suas casas. Além disso, há ainda o toque de recolher e a obediência servil aos criminosos. Não é raro, as mulheres serem estupradas pelos traficantes e não haver punição.

A polícia na maioria das vezes conhece toda essa situação, mas não tem preparo, armas e equipamentos suficientes para tomar alguma atitude. Com esse subterfúgio a polícia faz vistas grossas ao problema.

... é a falta de segurança, se mora num bairro onde não tem segurança, a senhora vê, uns lugar aí que não tem segurança mesmo, aí o cara tá certo, como eu achei que tava certo,...sempre teve justiceiro, enquanto não houver segurança pros pobre nos

² Entrevista realizada em 1999.

bairro, chega e atira nos trabalhado, porque vai cria essa condição, não aceita e se for roubado se revolta e começa a fazer justiça... (Rivinha).

Os justiceiros nascem em meio a essa disparidade, onde a polícia só atua nos bairros nobres, deixando a periferia desprotegida. Após sofrer algum tipo de injustiça, esses homens resolvem fazer a justiça com suas próprias mãos. É o conhecido jargão: matar ou morrer. Essa questão aparece claramente nas falas de Rivinha.

... pessoal traficante bandido, eles chegava na sua casa e diziam assim quero dormir com a tua mulher hoje, cê tinha que pegar a mulher e levá pra eles dormir, pegava aquelas criança e estuprava vendia drogas, barbarizavam, hora do silêncio, eu ligava uma radiola assim, quando dava umas sete e meia, aquela radiola era ligada e quando você ligava a sua radiola eles quebrava tomava, bagunçava. Cê comprava um barraquinho, eles mandavam quebrá, então aquele grupo de bandidos ali... barbarizavam, sabe o que é barbarizá? Chegava aqueles cabra ali e se tinha que pagá aquela taxa de proteção, era um negócio forçado mesmo...eu vivia bem, era trabalhador... Eles não respeita pai de família certo, eles não respeita ninguém, eles só ficam de olho em você se você entregar morre, é por isso que aí se cria o justiceiro, se cria uma pessoa como eu, cria a revolta, eu fiquei revoltado mesmo, devia ter ido embora... (Rivinha).

As histórias de justiceiros são sempre muito parecidas, começam se vingando de uma injustiça que foram vítimas, buscam apoio do Estado e não recebem esse apoio. São incentivados pela comunidade a se vingarem e logo fazem a primeira vítima, participando de um ciclo de mortes e apoio da comunidade.

... eu era um cara trabalhador, trabalhei na viação Cometa, vim para São Paulo... não pra matar ninguém em São Paulo. Quando saí de lá num coloquei uma metralhadora dentro da bolsa e falei, ó eu vou pra São Paulo matá os outro. Acho que acontece... (Rivinha).

Rivinha se tornou um justiceiro conhecido por toda a cidade de São Paulo. “A atuação desses justiceiros foi aparentemente tolerada pela policia e alguns deles, apresentaram carreiras profissionalizadas e de longa duração, tais como Chico Pé-de-Pato ou o grupo formado por Zé Magrela, Didi e Rivinha” (SANTOS, 1999: 82).

De fato, Rivinha teve muita fama na época em que atuava. Essa fama, contudo, deu-se quando ele resolveu, ainda em liberdade, dar uma entrevista à Rede Globo de Televisão, para explicar melhor porque cometia os assassinatos. Por ter se tornado conhecido, acabou sendo responsabilizado por vários crimes que não cometeu.

Fiquei mais com fama, fama, fama, hoje eles falam que eu matei 200 pessoa, falaram que eu matei 60, vem os repórter e fala que eu matei 100, outros falam que eu matei, ninguém sabe da minha história, ninguém sabe da vida, agente conta, conta, não é nada disso, não é por aí (Rivinha).

Rivinha afirma que não existia um grupo liderado por ele. Zé Magrela e Didi eram seus amigos e que foram vítimas do mesmo tipo de violência sofrida por ele. Quando se encontraram, decidiram se juntar para fazer o que consideraram justiça.

Didi e Zé Magrela, que vinham do norte mesmo, eram nordestino, era nordestino também e tava ali, o Zé Magrela tava sendo seguido pelos caras, o Zé Magrela comprava roupas usadas e os caras faziam Zé Magrela pagar aquela taxa pra eles, o Didi também era um cara cheio de tiro, eles deram vários tiros, estupraram a mulher dele, foi parecido, então juntou uma coisa com a outra, nós se unimo nós três, e falamo, agora não tem justiça... eu nunca tive grupo, meu grupo é a minha família eu tinha três colegas (Rivinha).

Desses, Didi morreu na cadeia com 50 facadas vítima dos criminosos que eles amarravam no poste e entregavam para a polícia, Zé Magrela, segundo Rivinha sumiu e não se soube mais notícias.

“A senhora vê como é a situação, se nós corre o bicho pega e se fica o bicho come” (Rivinha).

Quando perguntado sobre o uso ou o tráfico de drogas, Rivinha se coloca contrário ao uso e afirma que nunca se envolveu com traficante. Inclusive em sua análise Rivinha considera que o tráfico de drogas tenha “invadido” os bairros e que provavelmente hoje nem existam mais justiceiros.

Graças a Deus nunca mexi com drogas, bebia de vez em quando um negócio assim, uma cerveja, um negócio assim, mais beber pra viciado não... na cadeia me convidaram pra fumá maconha na detenção, o cara queria que eu fumava... não aceito isso aí, nunca coloquei isso na minha boca e nem aceito...agora esse negócio de justiceiro acabou, o que tem agora é briga de tráfico de droga na rua, é o que tá matando na rua... agora é traficante

matando traficante, essa briga do tráfico de droga é o que tá matando na rua” (Rivinha).

Nos casos de justiceiros e também de matadores, a questão da honra, virilidade e masculinidade são fundamentais. A função da masculinidade e da virilidade se dá pela defesa da honra. “A honra se manifesta antes de tudo na relação de violência. [...] a honra não deve ser compreendida como um código judiciário. É um assunto social, que relaciona homens ou grupos dividindo os mesmos valores” (JAMOUS, 1992: 139).

Há na cultura brasileira, especialmente nas camadas populares uma valorização da masculinidade. Os homens impõem a virilidade defendendo a sua honra e sua moral. Desde criança aprendem que, se apanharem na rua, também apanham em casa. Pois para ser homem tem que saber se defender e não levar desaforo para casa. Um exemplo se dá na cultura sertaneja, onde apanhar de outro homem é uma grande vergonha que representa desvalorização moral (BARREIRA, 1998: 99).

Essa valorização da masculinidade está muito presente na formação do povo brasileiro. Quando Rivinha conta que sua mulher foi violentada na sua presença, significa que a afronta dos criminosos foi à sua moral. Essa ação dos criminosos está repleta de significados morais, onde se coloca o desafio que exige vingança daquele que não tiver medo e for Homem para limpar sua honra.

Cheguei ali, comecei ver aquele negócio até que um dia eles começaram a cobrar pedágio a cobrar pedágio, parei de dar, ai mexeram com a minha esposa, não a que eu tô com ela, hoje eu vivo com a minha esposa a outra esposa tá lá no norte, violentaram ela na minha presença e me amarraram, por que eu falei que não ia pagar aquela taxa de proteção, eu tava cansado de pagar né, daí pra frente começou... (Rivinha).

Esse “desafio” proposto pelos criminosos exige uma resposta, incitou-se a vingança. René Girard coloca que “face ao sangue derramado, a única vingança satisfatória é o derramamento do sangue do criminoso [...] a vingança constitui, portanto um processo infinito, interminável” (GIRARD, 1990: 28).

Um dos códigos bem conhecidos entre os criminosos é o da “lei do silêncio”, não se denuncia um criminoso em nenhuma hipótese, a não ser que esteja disposto a enfrentar as conseqüências. Rivinha denunciou os criminosos e por ter ido a polícia, ficou jurado de morte:

Eu trabalhava na viação Cometa, perdi o emprego, eles começaram a caçar eu, devido eu ter entregado eles ficou pior, quando a senhora entrega um bandido pode ter certeza a senhora vai morrer, se entregar um marginal pode ter certeza que vão dar indicação pra matar, porque os colega mata se descobri a testemunha eles mata, então o que acontece, eu comecei a fugir e eles começaram a me caçar, dei queixa ao delegado, o delegado tava na posição que a senhora tá aí, ele falou assim, ó não tem viatura pra ir atrás de bandido, você se vira, eu pensando, eu não tinha governo, pra começar nunca dei um tiro em ninguém, só no norte atirava de espingarda porque caçava passarinho no alto, passarinho, mais revolver nunca tinha pegado numa arma, quando eu voltei pra favela, eu fugi da Funerária, eles vieram pra mim com uma arma, eu mandei minha esposa pro norte, dali começou aquela revolta, eles foi me dando tiro, não puderam pegar eu...eles começaram a vir atrás de mim... (Rivinha).

Rivinha afirma que resistiu antes de aceitar a arma e atirar nos bandidos da favela que morava. Porém, segundo ele, começou a ser caçado por ter denunciado os criminosos para a polícia. Matou a primeira vez, para não ser morto.

Os cara fizeram uma armadilha, eu fui, entrei ali no bar....deram vários tiros neu, eu sai correndo balearam minha mulher que tá comigo, que tava com filho na barriga, ela perdeu a criança nessa época, aí começou, aí eu fui pro hospital, quando eu voltei do hospital eles mataram um irmão meu de criação chamado Zezinho, não puderam pegar eu, mataram irmão meu de criação, isso virou uma guerra... um rapaz chamado Suel, que foi o primeiro que eu matei, me mandou um recado, fala pra ele que no momento que eu pegá aquela cabeça redonda eu vou mata ele, não tem boi. Aí foi quando entremo numa rua escura, chamada rua São João, é a rua que eu moro, aí eu tava lá no banho, chegou gritando sai pra fora sai, gritando com o revolver na mão, todo de camisa na mão arma na cintura, tava tentando cobra pedágio do pessoal lá e o pessoal não pagou, aí vieram atrás de mim, eu já tava armado. Aí, ai sabe o que acontece, é um negócio, eu fiquei num tremelique, eu com o revólver na mão doido pra sai pra fora, eu tava tremendo igual vara verde, é o que eu digo pra senhora, eu com aquela arma na cintura, que eu acho que foi pior derrota da minha vida, foi colocar essa arma na cintura, que alí, eu comecei a tremer, tremer, agora é vida ou morte, eu tenho que encontrá com esse cara, o cara vai me matá, eu não agüento mais é tiro na barriga, irmão morto, então foi o

momento que nós se encontremo ali, tiroteio danado, infelizmente acertei ele primeiro do que eu (risos), deu vários tiros neu, eu nem sabia que tinha acertado nele, infelizmente só um tiro pegou, pegou no coração dele, foi do lado esquerdo mais só um parece que eu atingiu o coração dele e morreu, daí pra frente os outros vinheram atrás, atrás de mim como formiga... (Rivinha).

Quando afirma que matou para não ser morto, Rivinha também expõe uma situação criada ao seu redor, onde matar não é um ato simples e fácil:

Nóis era tudo pai de família que se revoltemo ali,então eu não tava ali matando porque achava bonito, nóis matava com medo, matava é vida ou morte, você atirava primeiro ou morria, não tinha escolha. Eu não já comia direito, não dormia direito era sempre com o revólver na mão, ia tomar banho no banheiro ali era com a arma na cintura assombrado e eu levei vários tiros, eu tenho tiro no corpo pra todo lado, então eles vinham atrás de mim, então era uma vida de, eu não queria correr, então eu dizia, agora eu não vou sair fora, ... ai depois a policia que fazê sua justiça, ela quer vir atrás depois que ninguém me deu apoio, quando eu mais precisei corri, mesmo no batalhão Tobias de Aguiar (ROTA) ninguém me deu apoio... (Rivinha).

Na entrevista, Rivinha diz sempre que se tornou justiceiro por não ter opção, é “matar ou morrer”, a todo momento remonta que onde morava não havia lei, nem tão pouco justiça.

É muito fácil chegá e condená, não sabe a história da gente, dá um monte de ano de cadeia deixa o resto da vida num fundo de adeia é muito fácil fazê isso, eu falei prum juiz lá: excelência queria que um promotor ou juiz, qualquer um de vocês fosse lá pra morá onde eu morava, pra vocês vê se atirava ou não atirava, também é muito fácil julgar os outros assim e num olhá porque você entrô, um cara trabalhador como eu era, entra numa situação dessa aí e prova que eu tava no crime e tava trabalhando... (Rivinha).

No estudo sobre justiceiros e principalmente na entrevista de Rivinha, algumas categorias se destacam, tornado-se elementos centrais no desvendamento das complexas relações que se estabelecem entre os justiceiros, Estado/polícia e comunidade.

Nas falas de Rivinha, fica bastante claro que trabalhador pai de família, não merece morrer. Para os justiceiros quem não cumpre essas qualificações ou é criminoso, ou vagabundo, ou marginal. Por isso, morre ou tem que ser preso. Marginal é aquele que rouba, estupra, cobra pedágio de moradores e mata pai de família e trabalhador.

Justiceiro, acho que não existe, justiceiro é Deus, nois era tudo pai de família, que se revoltemo... comprei um revólver pra paga com roupa usada... e os cara começô a me seguir, eu fugi de novo e os caras atrás de mim, aí o pessoal falou é vida ou morte, ou se mata ou morre, aí o Zé Magrela falou pra mim, agora vou dizê uma coisa, não vamo corrê mais não, aí um outro colega meu falô, vamo partí pra cima desses cara aí, agora é tudo ou nada, tudo trabalhador, pai de família, aí nois coloquemo as arma na cintura, aí começou a bagunça... (Rivinha).

Quando entrevistados, os justiceiros sabem e assumem que são criminosos, tanto quanto são criminosos aqueles que eles mataram. Porém, o fato de só matarem “quem não presta”, não aceitarem crimes por encomenda e no caso de Rivinha, nunca ter matado nem mulher nem criança, serve como justificativa para distinguir e amenizar seus atos.

... não! isso aí é uma coisa que eu detesto, nunca tirei a vida de uma pessoa pra ganhá dinheiro, se o cara me desse cem milhão eu acho que é a coisa mais errada do mundo, você tira a vida de uma pessoa pra ganhá dinheiro, nunca matei ninguém, pra começa nunca matei uma criança de menor... (Rivinha).

O trabalho serve aqui como uma categoria seletiva e discriminatória, entre o que os justiceiros consideram “homens de bem” e “marginais/ criminosos”.

Esse critério adotado pelos justiceiros é reflexo da sociedade capitalista, onde o trabalho é sinônimo da utilidade do homem e da representatividade que o ser humano tem perante seu semelhante. Essa forma de pensar o trabalho faz parte da concepção usada no processo de industrialização do início do século XX, no Brasil, onde é através do trabalho que o homem se vê afastado da ociosidade o que para a nossa sociedade significa vadiagem e tendência para a criminalidade.

O trabalho para G. Bataille é o meio racional onde os espaços da irracionalidade não são penetráveis. É por meio do trabalho que o homem se afasta da violência (BATAILLE, 1988: 28). O trabalho remunerado, na visão dos justiceiros, exerce a função de afastar o homem da criminalidade e da violência. Essa postura que se torna uma forma de julgamento dos justiceiros em relação à comunidade, onde a

máxima de que, trabalho é sinônimo de “gente honesta”, se faz presente.

Essa idéia de que o trabalho é sinônimo de honestidade e antônimo de violência, é uma forte matriz ideológica da sociedade moderna. Bataille coloca que nas sociedades primitivas, o trabalho aparece já como forma de enfrentamento e afastamento da violência. O trabalho, portanto, serve como regra de organização social e proibição para as transgressões. As festas, os jogos e a violência são impulsos de satisfação imediata, que o trabalho refreia com a promessa da satisfação posterior (BATAILLE, 1988: 28).

Heloisa Fernandes, em estudo realizado sobre a família dos justiceiros, argumenta que o trabalho aparece como categoria fundamental nos discursos de seus entrevistados. Segundo a autora, “ser bom trabalhador significa ser bom pai, bom marido, bom filho, bom amigo, bom vizinho, enfim, um bom homem” (FERNANDES, 1992: 44).

Segundo Dadoun (1998) o homem é um ser que se completa através do trabalho e para o trabalho. O trabalho, então, exerce a função de estabilizador social.

Rivinha coloca que não deixou de trabalhar, isso é que o diferenciava dos outros criminosos. Com sua popularidade crescida, os moradores da comunidade por respeito ou medo, se mostravam trabalhadores:

... cê sabe que chega um momento que os moradores começa a ter medo, eles começa a ter respeito e ter medo, quando eu senti que as pessoas, às vezes eu ia num bar compra guaraná, as pessoa não, não paga não, eu dizia pera aí, não é assim não, eu tirava e pagava,...sentia um clima, teve uma época que os pessoal andava tudo com as profissional na mão assim, passava por mim com a carteira assinada na mão, não sou bandido, não sou bandido... mais o pessoal gostava muito da gente... (Rivinha).

Nessa fala, Rivinha mostra como que na violência há um ciclo do caos, sobretudo nesses bairros onde o que pondera é ação de criminosos. Ao mesmo tempo em que ele e seus amigos, em um primeiro momento, “limpam” o bairro dos criminosos indesejáveis, são

eles mesmos que instituem novamente o medo e a insegurança nos moradores, que vêm necessidade de se mostrarem trabalhadores para não serem mortos. A senha para a pseudotranqüilidade é o trabalho.

Ao pensarmos o trabalho como o que afasta o homem da violência e das transgressões, para a realidade vivida por Rivinha, o trabalho serve como enfrentamento da violência e mediador entre as ações dessa violência. Para os justiceiros, trabalhar e fazer a justiça significa não ser criminoso nem bandido, mesmo ele próprio sendo o agente da violência, essa ação de matar somente os criminosos tem uma finalidade: impor e manter a ordem.

Essa relação trabalho / violência / justiceiros aparece com uma grande ambigüidade. A violência praticada por criminosos é diferente da violência percebida e praticada pelos justiceiros, na medida que esses trabalham e praticam a violência para substituir a ação do Estado de manter a ordem. A ordem imposta pelos justiceiros que é particular, privada, é, em um primeiro momento, aceita pela comunidade devido a ausência legal e efetiva do Estado:

o pessoal batia palma, os morador, se tem o incentivo do povo também aquele povo não tem entendimento, não se ta certo, tem que mata, tem que morrê mesmo, essas desgraça fica roubando a gente, e batia a palma pra mim, eu me sentia todo cheio... (Rivinha).

A ação de Rivinha na comunidade não elimina a violência, na medida em que reproduz a violência para combater o que ele chama “os criminosos que barbarizavam”, portanto a violência é um mecanismo de enfrentamento da própria violência. “É impossível não usar de violência quando se quer liquidá-la. Mas justamente por isso, ela é interminável.” (GIRARD, 1990: 40) Matar ou morrer é uma expressão comum para o justiceiro. Nessa pseudoguerra, ele se torna o ser-para-a-morte.

(CLASTRES, 1982: 236) “O desejo de matar coincide freqüentemente com o desejo de morrer ou de se anular”. (BAUDRILLARD, 1996: 231)

As atitudes dos justiceiros em relação à violência têm toda uma conotação moral, reproduzindo os valores de uma sociedade conservadora, que determina quem são os bons ou maus cidadãos. Os justiceiros são reflexos e produtos dessa sociedade, usam do poder que eles próprios se conferem para fazer uso da violência e serem eles próprios vítimas dela.

Quando decide fazer a justiça com as próprias mãos, o justiceiro se insere no ciclo da vingança se contaminando com a violência, “a contaminação é um perigo terrível, ao qual, na verdade, somente aqueles seres já impregnados de impureza, já contaminados, ousam se expor”. (GIRARD, 1990: 43) O justiceiro contribui para que o caos se mantenha, não interrompendo o ciclo da vingança.

Quando entrevistado Rivinha sempre deixou claro que não se tornou justiceiro ao acaso. Todos os elementos aqui analisados a violência, a honra e o trabalho, foram se somando na história da formação desse justiceiro, que obviamente traz contradições e ambigüidades. Porém nos serve como base para um melhor entendimento desse fenômeno, suas causas e conseqüências.

Os justiceiros estão intrinsecamente ligados às normas sociais. Reproduzindo a necessidade de segurança, dando proteção à comunidade em que vive. Os justiceiros são agentes e vítimas na violência produzidas pelas relações sociais e reproduzidas por eles.

Meu nome é Rivadávia Serafim, eu não fui batizado com esse nome de justiceiro... quando eu nasci minha mãe ela não falou esse aí é matador, ora aconteceu depois de tantos longos anos, num me criei em FEBEM, se fosse um cara criado, que já nasceu no crime, que nunca tive na FEBEM não. Aconteceu que morava numa viela, falta de segurança aí junta uma coisa com a outra, assaltaram, roubaram, estupraram, barbarizaram, todo mundo então chega um momento que se perde a cabeça, não há outra solução acho que aconteceu não só na minha vida, como a de muitos que tão preso aí, aconteceu o mesmo fato, a mesma história, o cara era trabalhador roubaram ele, se revoltou e matou uma pessoa... (Rivinha)

Bibliografia

- BATAILLE, G. (1975). *A Parte maldita*. Rio de Janeiro: Imago
- _____. (1988). *O Erotismo*. Lisboa: Antígona.
- BARREIRA, C. (1998) *Crimes por encomenda – violência e pistolagem do cenário brasileiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- BAUDRILLARD, J. (1996). *A troca Simbólica e a Morte*. São Paulo: Loyola.
- CLASTRES, P. (1982). *Arqueologia da violência*. São Paulo, Brasiliense.
- CORREIA DE PAULO, M. L. S. (1990). *A favela Marconi: Construindo uma categoria histórica*, São Paulo: Dissertação de Mestrado - PUC-SP
- COSTA, M. R. (1996). “A violência urbana no Brasil ou, quando a serpente nasceu”. In: *Cultura Vozes*: São Paulo. v.90, n.3, maio/junho, pp. 66-83.
- _____. (1999) “O Esquadrão da morte em São Paulo”. In *Cultura Vozes, Vozes*: São Paulo. v. 93, n. 3, maio/junho, pp. 19-47.
- DADOUN, R. (1998). *A Violência – ensaio acerca do “homo violens”*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- FERNANDES, H. R. (1992). “Violência e modos de vida: ‘Os justiceiros’”. In: *Tempo Social*, rev. USP, São Paulo, 4 (1-2), pp. 43-52.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.) (1996). *Usos e abusos da história Oral*. Rio de Janeiro: FGV.
- FOUCAULT, M. (1991). *Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1993). *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro: Graal.
- JAMOISS, R. (1992). “De que falam os fuzis?”. In: GAUTHERON, M. (org) *A honra, Imagem de si – um ideal equívoco*. Porto Alegre: L&PM.
- GIRARD, R. (1990). *A violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra / UNESP.
- HOBBSAWN, E. J. (1976). *Bandidos*, Rio de Janeiro: Forense-universitária.
- Revista TRIP. “Só Mato quem merece”. nº 49, ano 9.
- SILVA, J. F. S. (1998). *Justiceiros: defensores da ordem e agentes da higienização social*. São Paulo, TD-PUC/SP.
- SANTOS, J. V. T. dos (1999). *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec.